

O AGRONEGÓCIO É O SEGUINTE

EFEITOS DO CHOQUE DE MERCADO NA POLÍTICA AGRÍCOLA

ALGUNS MOVIMENTOS internacionais desvalorizaram o real mais do que se esperava: incêndio em uma destilaria de petróleo na Arábia Saudita; troca de farpas entre a China e os Estados Unidos; e aperto de curto prazo no sistema financeiro norte-americano, o que provocou uma elevação na taxa de juros interbancária e fez o Federal Reserve (Fed) intervir garantindo liquidez. Isso, somado à crise na Argentina, ajudou o dólar a chegar ao patamar de R\$ 4,15, com a natural corrida por segurança que ocorre nesses momentos. Em três meses, o dólar teve uma valorização de 8,5% sobre o real. No curto prazo, a volatilidade continua, mas, a médio prazo, a aprovação da reforma da previdência e a confortável situação cambial brasileira farão o dólar se desvalorizar. Por isso, as decisões de venda da produção e da compra de insumos devem ser muito bem pensadas.

Do outro lado, a inflação não se mexe. E, para complementar um quadro econômico pouco ortodoxo, a Selic caiu para 5,5%, com uma inflação de 3,5%. Os juros reais estão em um nível baixo que o Brasil não vê há, talvez, meio século, mas não há reação da demanda e do nível de emprego.

Um assunto de que temos tratado, mas, devido à sua enorme importância, requer exaustiva repetição é a necessidade de se saber lidar com juros nominais baixos (para o padrão brasileiro) e com

a inflação também baixa (o que significa que os juros reais estão elevados). Fazer qualquer financiamento a 7% ou 8% ao ano significa pagar um juro real que pode quebrar o produtor rural. Por exemplo, no caso do milho, uma taxa de juros desse nível pode retirar de 20% a 70% do lucro operacional da cultura. Com uma Selic de 5,5%, o produtor deve esforçar-se ao máximo para utilizar recursos próprios e evitar bancos e cooperativas em compras financiadas.

A cultura do produtor brasileiro é a de trabalhar com financiamentos, porque quase sempre os juros do crédito rural são menores do que os juros dos recursos próprios dos produtores. Mas, de dois anos para cá, o jogo mudou. O ambiente atual pressiona de forma direta por uma restauração imediata no mercado nacional de crédito rural. A distância entre as taxas de juros controladas das operações com recursos oriundos dos depósitos à vista e da poupança rural e as taxas livres ficou menor. O Plano Agrícola e Pecuário (PAP) da safra 2019/20 prevê empréstimos da ordem de R\$ 222,7 bilhões, bem próxima da temporada passada. A enorme diferença está, agora, na menor disponibilidade para financiamentos a juros controlados, totalizando R\$ 36,3 bilhões.

Desde meados da década passada, a demanda de crédito rural a juros controlados mostra crescimento acima da oferta. Para isso, foram criados, na época, a Letra de Crédito do

Agronegócio (LCA), o Certificado de Recebíveis do Agronegócio (CRA) e o Certificado de Direitos Creditórios do Agronegócio (CDCA). Esses títulos permitem a captação e a transferência de recursos do mercado de capitais para financiar a agricultura. A chamada 'Medida Provisória do Agro', muito aguardada pelo mercado, assinada pela Presidência da República, trouxe uma série de novidades nessa área, inclusive uma possível indexação inédita em moeda estrangeira.

No âmbito mundial, os desequilíbrios que se acumulam desde a crise de 2008 criam possíveis fontes de instabilidade que podem reprisar aquela dramática conjuntura. Economistas do mundo todo discutem se a economia mundial entrará em recessão. Se isso se confirmar, o Brasil poderá ser afetado com redução dos investimentos diretos no País, redução das exportações brasileiras e queda nas cotações das *commodities*, inclusive agrícolas, embora, por outro lado, uma elevação na cotação do dólar possa trazer algum alívio para os exportadores. No geral, o Brasil é uma das economias emergentes com contas externas mais confortáveis. Além de estar promovendo uma agenda complexa de reformas, não deverá ser o emergente que sentirá os impactos mais desfavoráveis.

Duas matérias sobressaem em tratar dos benefícios da adoção de tecnologia pela agropecuária brasileira. A

primeira está inserida na entrevista do mês, com Marcos Guimarães de Andrade Landell, pesquisador de larga experiência e conhecimento na criação de novas cultivares e no manejo varietal de cana-de-açúcar. A segunda é um artigo sobre os ganhos proporcionados pela biotecnologia à sociedade e aos produtores. As lavouras melhoraram sua produtividade, com simultânea diminuição na pressão para ocupar novas áreas agrícolas. Em ambos os casos, há uma otimização no uso dos insumos que resulta numa agricultura cada vez mais sustentável.

No mercado de milho, a queda na produtividade das lavouras e o aumento nos custos de produção deverão prejudicar os resultados, mas, ainda assim, o resultado esperado é de lucro em Mato Grosso e no Paraná. Os fundamentos indicam pressão de alta nos preços no primeiro semestre de 2020.

O Caderno Especial deste mês trata do 12º Congresso Brasileiro do Algodão, com o tema “A cotonicultura como vitrine para a agricultura do amanhã”, promovido pela Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa), que celebra vinte anos de existência. Durante esse tempo, com investimento na produção e na qualidade, a cadeia produtiva trouxe prosperidade para a região do Cerrado, hoje com um alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Em termos mundiais, o Brasil ocupa o quarto posto na produção e o segundo na exportação. Garantir a continuidade desse desempenho faz parte do desafio setorial.

Para encerrar, é importante, também, destacar a realização do 2º Fórum Anual do Cacau, que conta com o Caderno “Estratégias Sustentáveis para a Cadeia Produtiva de Cacau e Chocolate”. O evento contou com a

participação de representantes nacionais e internacionais da cadeia produtiva de cacau e chocolate. A iniciativa é da Fundação Mundial do Cacau (WCF, na sigla em inglês). A principal mobilização entre os elos da cadeia intensifica-se, com foco na melhoria da eficiência produtiva do agricultor por meio de acesso a crédito, assistência técnica e investimento na cultura. O Brasil, que já foi o maior exportador de cacau, figura, hoje, na sétima posição no mercado mundial. ■

LEIA A AGROANALYSIS NA INTERNET E NOS
ACOMPANHE NAS REDES SOCIAIS.

TWITTER: @AGROANALYSIS
INSTAGRAM: /FGV.AGROANALYSIS
FACEBOOK: /FGV.AGROANALYSIS
WWW.AGROANALYSIS.COM.BR

